

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida [A reflection on religious pluralism from Aparecida]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy  
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Teixeira, Faustino
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-07 03:19:08
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162199">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162199</a>

# Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida

ENTREVISTA COM FAUSTINO TEIXEIRA

*“As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam”, afirma o teólogo Faustino Teixeira, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, na qual analisa o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, que aconteceu no último mês de maio de Aparecida, São Paulo.*

*Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPCIR-UFJF), Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de vários livros sobre a teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um dos grandes parceiros do IHU. Entre suas obras, citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006) e As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, número 195, de 11-09-2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição 209 da IHU On-Line com o tema Por que ainda ser cristão?; uma resenha feita por ele sobre o filme O grande silêncio, publicada na edição de número 212 da revista IHU On-Line, de 19/03/2007; uma entrevista sobre a Teologia da Libertação, publicada edição número 214 da IHU On-Line, de 2 de abril de 2007; e outra entrevista sobre o poeta persa Rûmî, na edição número 222, de 4 de junho de 2007.*

**IHU On-Line - Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?**

**Faustino Teixeira -** Não tendo participado da V Conferência, minhas respostas correspondem a uma reação feita sobre a versão não oficial publicada após o evento. O que percebo, após ler o longo documento, é que ele conseguiu corresponder positivamente a aspectos importantes da vida eclesial latino-americana, superando

a tendência mais restritiva presente nos dois textos preparatórios: o documento de participação e a síntese das contribuições recebidas para a V Conferência. Percebe-se, de forma clara, o papel positivo exercido pelas diversas forças eclesiais nas mobilizações que antecederam e acompanharam a Conferência de Aparecida. Não sei se podemos falar propriamente em novidades, mas revela-se positiva a retomada do filão eclesial que marcou, por exemplo, as conferências de Medellín e Puebla: o método ver-julgar-agir (n. 19), o

reforço da opção pelos pobres (ns. 405-406) e pelas comunidades eclesiais de base (ns. 193-195). Vale também registrar o firme posicionamento do documento com respeito à questão social, em favor de uma “globalização diferente”, pontuada pela solidariedade e a luta em favor da justiça (n. 64), além da defesa da biodiversidade e o cuidado com o meio ambiente (ns. 66, 84, 86, 492, 493).

**IHU On-Line - Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?**

**Faustino Teixeira** - Com respeito às luzes, podemos mencionar a posição firme do episcopado na crítica aos efeitos perversos da globalização, a afirmação de uma globalização solidária, a firme defesa do meio ambiente, de modo particular a causa amazônica, e a reafirmação da opção pelos pobres. A propósito das sombras, podemos sublinhar a manutenção de uma perspectiva teológica cristocêntrica eclesiocentrada, a concepção restrita de evangelização e a timidez no âmbito do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Gostaria, aqui, de me deter um pouco mais na questão das sombras, pois são aspectos que traduzem desafios importantes para o futuro da atuação eclesial no continente. Em razão da preocupação do episcopado latino-americano com a quebra da homogeneidade católica no continente, com a “debilidade” e fragilização da fé cristã e a conseqüente “sangria” para outras formas de expressão religiosa ou seculares, firma-se uma compreensão de evangelização onde Jesus Cristo e a Igreja católica ocupam um lugar central. Este projeto já estava bem delineado no discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência, que definiu os rumos da Conferência neste âmbito particular. Na perspectiva do documento conclusivo, Jesus Cristo traduz a “plenitude da revelação para todos os povos” (n. 95 e 548). E já estava presente no “desejo” dos povos originários, que por ele ansiavam

silenciosamente (n. 4). O documento indica que aceitar a Cristo é garantir a paz e a felicidade, e esta aceitação se dá na Igreja católico-romana, que abriga “tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo” (n. 262). A compreensão de evangelização é bem precisa, na linha do discurso que o papa Ratzinger fez aos bispos brasileiros na Catedral da Sé, em São Paulo. A evangelização vem entendida numa linha de explicitação do anúncio bem marcada: uma evangelização “metódica e capilar”, visando à adesão a Jesus Cristo. Falta, a meu ver, uma reflexão mais aprofundada sobre o significado da evangelização no tempo do pluralismo religioso. Mais do que encerrar a revelação numa definição restrita da “proclamação cristocêntrica” (n. 29), é necessário ampliar a visão para captar o significado da evangelização como um exercício partilhado em favor da renovação da humanidade (EN 18), de testemunho dos valores essenciais do reino de Deus, que é o único absoluto (EN 8).

### O pluralismo religioso

No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter a idéia de que Jesus é o único caminho de vida que leva a Deus e de que o cristianismo é um “imperativo categórico” universalizante. Esta é uma visão devedora de uma perspectiva tradicional, que expressa uma clara teologia do acabamento ou da realização, como se a manifestação de Deus em Jesus Cristo colocasse um ponto final na história da religião e nas manifestações reveladoras de Deus. Na visão do lúcido teólogo Claude Geffré<sup>6</sup>, recentemente impedido pela Congregação para

---

<sup>6</sup> **Claude Geffré**: teólogo, frade dominicano, francês, professor honorário do Instituto Católico de Paris. É autor, juntamente com Régis Debray, do livro *Avec ou sans Dieu? - Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). No ano passado, publicou o livro *De Babel à Pentecôte - Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Em português, a Editora Vozes traduziu o livro *Crer e Interpretar*, em 2004. Confira uma entrevista exclusiva que ele concedeu à *IHU On-Line*

a Doutrina da Fé de receber um título de doutor *honoris causa* numa universidade católica do Congo<sup>7</sup>, “a vocação histórica da Igreja não é o crescimento quantitativo dos cristãos, mas, em diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, o testemunho em favor do reino de Deus que vem”.

### O ecumenismo e o diálogo inter-religioso

Com respeito aos temas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, vale também uma reflexão particular. Talvez esteja aqui um dos pontos mais frágeis do documento, mas que está em coerência com a dinâmica atual da conjuntura eclesial, bem mais afeita ao anúncio que ao diálogo. Os números que tratam o ecumenismo ainda estão um pouco melhores. Seguindo a pista da carta encíclica de João Paulo II, *Ut unum sint*<sup>8</sup> (UUS 3), o documento assinala o caráter irreversível do ecumenismo (n. 243) e sua exigência evangélica (n. 244). Mas, em seguida, reitera a necessidade da reabilitação da apologética, da afirmação “clara e convincente” das convicções de fé (n. 245). O documento patina ao trabalhar o tema, expressando uma dificuldade real de acolher a diversidade como um valor, ou a rica idéia de uma “diversidade reconciliada”. O predomínio de uma visão eclesiocentrada impede reconhecer, na linha do

---

na edição número 207, de 4 de dezembro de 2006, intitulada “Retorno religioso”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> Sobre o assunto, pode ser conferida no sítio do IHU, a notícia intitulada *Vaticano proíbe que Claude Geffré, teólogo francês, receba título no Congo*, do dia 9-5-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> *Ut unum sint*: Encíclica de João Paulo II (25.5.1995) sobre o ecumenismo, convidando católicos e irmãos separados a esquecerem fraquezas e erros passados e a procurarem os caminhos da unidade, cumprindo o voto do Concílio Vaticano II. No primeiro capítulo, lembra as exigências da renovação da Igreja, da proposição da doutrina certa, da oração, do diálogo e da celebração com os irmãos separados. No segundo, refere os frutos do diálogo com a Igreja do Oriente e com as Comunidades separadas do Ocidente. No terceiro, apela a um esforço cada vez maior da Igreja Católica para se chegar à plena unidade. (Nota da *IHU On-Line*)

que foi afirmado no Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo, que, na Providência de Deus, outros cristãos passarão toda a sua vida cristã em outras Igrejas, e isto não deve impedir aos católicos de se alegrar com a dinâmica da graça de Deus que frutifica entre eles (cf. Diretório... n. 206). Não há por que manter afirmando, com arrogância, que a Igreja católica é a única que possui a “plenitude dos meios de salvação” (DI 22) e que só nela é que se verifica a “única verdadeira religião” (DI 23). É verdade, como mostra o documento final, que o contato ecumênico favorece a “estima recíproca” e convoca à conversão (n. 248). Trata-se, porém, de uma metanóia<sup>9</sup> “mais profunda de todos para Deus” (DA 41) e não de um “empenho ecumênico” que leve à “plena comunhão na unidade da Igreja”, que subsiste na Igreja católica. Quanto ao diálogo inter-religioso, o documento é bem mais tímido. Fala-se da prioridade que deve ser dada ao diálogo com as religiões monoteístas, o que limita o seu campo de ação num continente com outras tantas diversas presenças religiosas. Fala-se do diálogo com os olhos voltados para o anúncio (n. 254), deixando-se ofuscada a idéia essencial de que o diálogo tem “seu próprio valor” (DA 41). Há um reconhecimento positivo e rico da alteridade dos povos indígenas e afro-brasileiros (n. 89), mas a real abertura ao valor irredutível de sua religiosidade fica ofuscada pela recorrente imagem das “sementes do Verbo” que presidem sua expressão vital (ns. 4,92, 548). Em sintonia com o discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, o documento sublinha a importância da manutenção da fé católica nas comunidades indígenas (n. 550).

***IHU On-Line* - Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e**

---

<sup>9</sup> *Metanóia*: palavra grega que significa “conversão”. (Nota da *IHU On-Line*)

que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

**Faustino Teixeira** - Penso, em particular, no desafio do crescente pluralismo religioso. Não há por que continuar mantendo uma reflexão teológica eclesiocentrada num tempo de complexa diversificação religiosa. A Igreja e a teologia vêm sendo desafiadas a buscar uma nova perspectiva de inserção e uma “purificação” de sua memória e afirmação de uma nova linguagem para dar conta desse desafio essencial. Como mostrou Jacques Dupuis<sup>10</sup>, em sua última obra, *O cristianismo e as religiões*<sup>11</sup>, “a terminologia teológica, usada até hoje por muitos pregadores cristãos, e até por alguns teólogos, mantém ainda vestígios de um vocabulário nocivo em relação aos ‘outros’”.

**IHU On-Line - Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a “fé em Deus Amor”? Como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja e do povo de Deus?**

**Faustino Teixeira** - Penso que o desafio mais fundamental diz respeito ao testemunho dos valores essenciais, do trabalho conjunto em favor da recuperação da dignidade da criação e do exercício da compaixão. Temos, sim, que recuperar a dimensão de profundidade que anda meio esquecida em nosso tempo. E esses valores não são prerrogativas únicas das religiões. Seguindo uma pista favorecida pelo teólogo Paul Tillich<sup>12</sup>,

---

<sup>10</sup> Jacques Dupuis (1923-2004): teólogo jesuíta de grande importância para a teologia cristã do diálogo inter-religioso. Foi acusado pelo Vaticano em 2001 por causa de suas teses sobre o pluralismo religioso que, segundo o Vaticano, contêm “notáveis ambigüidades” e levam a “opções perigosas”, a propósito do seu livro *Para uma Teologia Cristã do pluralismo religioso* (Bréscia: Queriniana, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões: do encontro ao desencontro* (São Paulo: Loyola, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, mais tarde naturalizado norte-americano. Suas pesquisas contribuíram também para o existencialismo cristão. Tillich é tido, ao lado de Karl Barth, como um

precisamos abrir espaços para a “profundidade” de nossa existência. E “quem conhece a profundidade, conhece a Deus”. As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam. Panikkar<sup>13</sup> fala no essencial desafio da cultura da paz para as religiões: o de concentrar as energias para “curar as feridas humanas” e as “pragas históricas da humanidade”.

**IHU On-Line - Qual é o lugar e a importância do tópico “Família” no documento final? Pode falar sobre a importância de se “promover uma cultura do amor no matrimônio e na família e uma cultura de respeito à vida na sociedade”, que aparece no documento?**

**Faustino Teixeira** - Neste campo, há ainda um longo caminho a ser percorrido pela Igreja. A compreensão de família que vigora no documento, recorrente na Igreja católico-romana, é bem tradicional. É um campo onde a teologia não consegue avançar muito, pois as resistências do magistério eclesial são contundentes. Em seu livro-entrevista de 1985, *Rapporto sulla fede*<sup>14</sup>, o cardeal Ratzinger assinalou que é no âmbito da teologia moral que ocorrem as principais tensões entre o magistério e os teólogos. Aqueles que ousam uma reflexão mais aberta sobre o tema encontram barreiras dolorosas em seu caminho. Há, no documento, passagens bem

---

dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>13</sup> Raimon Panikkar: padre e teólogo, nascido em Barcelona, em 1918. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Atualmente é membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Vivarium (Centro de Estudos Interculturais da Catalunha). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> *Rapporto sulla Fede*, Vittorio Messori a colloquio con il cardinale Joseph Ratzinger (3 ed. San Paolo: Cinisello Balsamo, 1998). (Nota da **IHU On-Line**)

preconceituosas contra novas possibilidades de relacionamento afetivo, que são englobadas no que vem definido como “ideologia de gênero” (n. 40). Em defesa do que consideram o “patrimônio da humanidade”, os bispos reiteram o posicionamento tradicional da Igreja católico-romana sobre a família, marcando uma posição firme e intransigente contra quaisquer novidades que possam ocorrer no campo da reflexão a respeito do tema. São duras as críticas contra o aborto, definido como “crime abominável”, contra a eutanásia e outros

“delitos graves contra a vida e a família” (n. 455). A família vem definida de forma bem clara, enquanto “fundada no sacramento do matrimônio entre uma mulher e um homem” (n. 452). Mantém-se também a terminologia tradicional e pejorativa com respeito àqueles que não tiveram sucesso no primeiro casamento e buscam realizar-se numa nova união. Fala-se em “situação irregular” de tais matrimônios, ainda que se proponha um acompanhamento cuidadoso e compassivo aos que vivem numa semelhante situação (n. 456 j).

## “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”

ENTREVISTA COM CLODOVIS BOFF

*Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à revista IHU On-Line, o frei Clodovis Boff afirmou que o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam “é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia”. E, muito otimista, continua: “O documento da V Conferência não só dá mais um passo em frente, mas abre uma ‘nova fase’ na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que ‘agora vai’”. Frei Clodovis Boff, frade da ordem dos Servos de Maria, nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 1944. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, graduação em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina e doutorado em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina. É autor de vários livros, entre os quais citamos Uma Igreja para o Novo Milênio (5. ed. São Paulo: Paulus, 2003). Atualmente, reside em Curitiba e leciona teologia na Universidade Católica de Curitiba. Ele concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 125, de 29 de novembro de 2004, que foi posteriormente republicada no Cadernos IHU em Formação número 8, de 2006, intitulado Teologia Pública.*